



## Da roda ao disco: a mediatização da afro-brasilidade<sup>1</sup>

Deivison Moacir Cezar de Campos Campos<sup>2</sup>  
Universidade Luterana do Brasil

**RESUMO:** O sistema de mídia constitui-se num novo lugar, perturbando ainda mais a definição de espaço. Frente a isso, o presente ensaio propõe que a intervenção de um dispositivo midiático num espaço pode construir um território de fluxo. Nessa ambiência, pelo efeito de presença e pela experiência de corporidade, as pessoas adquirem sentidos de pertencimento. Trata-se de um estudo de caso, utilizando referenciais da Comunicação, Estética e Geografia Social, a partir de uma festa de *black music*. O efeito de presença gerado nessa territorialidade e o reconhecimento do sistema de notação da sonoridade leva a uma performance que gera sentido, transformando o corpo num instrumento de interação comunicativa e, ao mesmo tempo, catalisador dos elementos simbólicos que irão construir ou consolidar o sentido de pertencimento.

**Palavras-chave:** Territorialidade; fluxo comunicacional; pertencimento.

### Indicações

O pertencimento negro apresenta marcas dos sucessivos movimentos espaciais, iniciados com a diáspora global – o escravismo. As diásporas locais, provocadas pelo permanente tensionamento dos territórios negros, possibilitaram uma “reconceitualização da cultura a partir do sentimento de sua desterritorialização” (GILROY, 2001, p.22), gerando a necessidade de adequação a novos paradigmas de pertencimento, configurados em uma territorialidade simbólica de retorno ao afro.

A roda constituiu-se na primeira tentativa de estabelecer uma territorialidade afro-referenciada. Esses espaços aparecem e desaparecem condicionados pelas interações sociais possíveis. Intrinsecamente ligada à musicalidade e à corporidade, produz um efeito de presença e um deslocamento espaço-temporal, juntando o aqui-agora e a tradição. Torna-se, numa proposição multiterritorial, um novo mesmo lugar.

As novas processualidades interacionais demandadas pela sociedade em mediatização (BRAGA, 2007) acabam por afetar as interações sociais. O presente ensaio configura-se, dessa maneira, numa tentativa de demonstrar que a intervenção de um dispositivo midiático num espaço pode construir um território de fluxo. Nessa ambiência, pelo efeito de presença e pela experiência de corporidade, as pessoas adquirem sentidos de pertencimento.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Geografias da Comunicação, X Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> jornalista, coordenador do curso de Comunicação Social - Jornalismo da Ulbra. Doutorando em Ciências da Comunicação (Unisinos).



Para isso, discute-se a pertinência da articulação dos conceitos de território, fluxo comunicacional e pertencimento. Os referenciais são buscados na Comunicação, na Geografia Social e na Estética.

O texto constitui-se no resultado de uma reflexão teórica, a partir de um caso. A observação foi realizada de forma participativa na *Festa do Padilha*, ocorrida em junho de 2010, em Porto Alegre. A festa realiza-se numa periodicidade aproximada de dois meses em locais diferentes. A divulgação é feita pelos participantes, não existindo instrumentos formais de publicidade. No local, a equipe de som toca exclusivamente *black music*, reproduzindo os bailes realizados a partir dos anos 70 na capital gaúcha.

A reflexão está organizada em três momentos. No primeiro, discute-se a pertinência do conceito de multiterritorialidade e a configuração da territorialidade afro-brasileira. A segunda seção aponta a importância da musicalidade na constituição deste território e a mediatização como processo de ampliação do mesmo. Na última seção, reflete-se sobre a territorialização desta territorialidade simbólica.

## **2 A constituição da territorialidade afro-brasileira**

A Praça Padre Tomé<sup>3</sup>, localizada no centro antigo de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, fica em frente à Igreja Nossa Senhora das Dores, construída entre 1807 e 1866, e é cercada por cinco prédios do Exército, na chamada Área do Quartel General. No local, ficava o pelourinho da cidade durante o período escravista. Hoje, a praça se constitui num dos marcos do Museu do Percurso Negro, aprovado pelo Projeto Monumenta. A descrição do espaço geográfico aponta a característica multiterritorial deste lugar.

O território, ao qual Raffestin (1993, p. 60) define como o “espaço político por excelência”, constrói-se a partir de uma leitura hegemônica do espaço concreto [geográfico] ou imaterial [social] que estabelece uma representação. A interação das diferentes leituras constitui os multiterritórios, conceito que está ligado a noção de tempo espacial (SANTOS, 1978), que é “o resultado de ações multilaterais que se realizam em tempos desiguais sobre cada um e em todos os pontos da superfície terrestre” (p. 211). Partindo desse pressuposto, Haesbaert (2004, p.344) vai propor que

---

<sup>3</sup> Tomé Luiz de Souza (1711-1858). Educador e padre. Foi vigário geral da Igreja Nossa Senhora mãe de Deus, então catedral de Porto Alegre. Foi depois nomeado para a igreja Nossa Senhora das Dores. Foi deputado da 1ª legislatura da Assembléia Provincial do RS (PORTO-ALEGRE, 1917).



“se a territorialização parte do nível individual ou de pequenos grupos, toda relação social implica uma interação territorial, um entrecruzamento de diferentes territórios”.

Neste sentido, pode-se afirmar que a Praça Padre Tomé constitui-se, a partir de relações de poder, em diferentes territórios tanto no sentido “mais concreto, de dominação, quanto poder no sentido mais simbólico, de apropriação.” (HEIDRICH, 2008, p.20). A territorialidade por dominação constrói-se a partir de uma organização de pessoas num espaço demarcado por fronteiras, neste caso, a área militar e religiosa. Por outro lado, foi apropriado pelos negros como território simbólico, ligado a representações que não necessitam de um espaço geográfico para se realizar.

O território, portanto, “é mais do que nunca movimentos, ritmos, fluxos e redes” não meramente funcionais, mas “um movimento dotado de significados, de expressividade, isto é, tem um determinado significado para quem constrói e/ou usufrui dele” (HAESBAERT, 2004, p.281 apud HEIDRICH, 2008, p.80). Os significados conferidos a determinados territórios por um grupo estabelecem os parâmetros para a construção do pertencimento. No caso afro-brasileiro, essa construção tem ocorrido a partir de sucessivos movimentos territoriais, iniciados com o tráfico negreiro. A diáspora, neste sentido, pode ser compreendida como um processo de desterritorialização e reterritorialização. Para Gilroy

[...] é um conceito que ativamente perturba a mecânica cultural e histórica do pertencimento. Uma vez que a simples sequência dos laços explicativos entre lugar, posição e consciência é rompida, o poder fundamental do território [espacial] para determinar a identidade pode também ser rompido (GILROY, 2001, p.18).

No Brasil, a construção do referencial afro se dá inicialmente pela hibridização dos elementos culturais das populações deslocadas, em diferentes temporalidades, nos quatro grandes ciclos<sup>4</sup>. Para Hall (2003, 102), “o pós-colonial funde histórias, temporalidades e formações étnicas distintas em uma mesma categoria universalizante”. As diásporas locais - no pós-abolição e na urbanização das cidades, repetem o movimento de desterritorialização-reterritorialização, fazendo com que o negro tenha que adaptar constantemente sua rede de significações e representações. Neste cenário, em que há uma ressignificação da cultura desterritorializada (GILROY, 2001, p.22), surge a necessidade de adequação a novos paradigmas de pertencimento. Esse

---

<sup>4</sup> “[...] o ciclo da Guiné, durante a segunda metade do século XVI, o ciclo de Angola e do Congo, no século XVII, e o ciclo da Costa da Mina, durante os três primeiros quartos do século XVIII. A isso Verger acrescenta o ciclo da baía de Benin, entre 1770 e 1850, incluindo aí o período do tráfico clandestino.” (PARÉS, 2007, p.42)



movimento espaço-temporal está no centro da construção dos territórios simbólicos. Segundo Schneider,

É precisamente quando as minorias deixam de viver em colônias e se acham diretamente confrontadas com os outros grupos que suas especificidades culturais tornam-se fonte de mobilização coletiva e que se desenvolve o que Gans denominou de etnicidade simbólica (apud POUTUGNAT; STREIFF-FENART, 1998, p.71).

A etnicidade simbólica afro-brasileira tem sido construída a partir das concepções de origem comum [reafricanização] e de características locais [quilombo], articulando as categorias ser-devir, propostas por Hall (1996). Para Gilroy (2007, p.25), “podemos ver então não a ‘raça’, e sim formas geo-políticas e geo-culturais de vida que são interação entre sistemas comunicativos e contextos que elas não só incorporam, mas também modificam e transcendem”. Nesta linha, Silva (2000, p.75) diz que

A releitura interpretativa do passado dos povos negros, no período anterior e posterior à Diáspora, edificando percepções de uma memória ancestral africana, que transcenderia, portanto, o processo de escravização, reconstruindo-se como um legado comum aos que se autodefinem como tendo ascendência africana.

A reafricanização estrutura-se, portanto, a partir da ênfase ao que se imagina africano nas tradições afro-brasileiras, estabelecendo as fronteiras de um novo território simbólico, a partir de um contexto hibridizado. Nesse lugar, o pertencimento constrói-se num processo de apropriação, pois “territorializar-se significa também hoje construir e/ou controlar fluxos/redes e criar referenciais simbólicos num espaço em movimento, no e pelo movimento.” (UEDA in HEIDRICH, 2008, p.82).

Esse movimento faz com que o espaço mude de suporte, de status e de função social (SILVA, 2009). As formas tradicionais do território, ligadas à naturalidade e à nacionalidade, acabam por ser suplantadas por outras maneiras de identificação. A mídia, como um “espaço de convívio ampliado” (PROST; VINCENI, 1994, p.142), conquista uma importância determinante (LEAL in MAIA; CASTRO, 2006). Para Sodré (2002), a midiaticização rege a sociedade contemporânea e o *medium* “é o fluxo comunicacional, acoplado a um dispositivo técnico e socialmente produzido pelo mercado capitalista, em tal extensão que o código produtivo pode tornar-se ‘ambiência’ existencial”.

Nesse processo, a tecnocultura leva à “emergência de uma nova Cidade humana no âmbito de novas tecnologias do social” (SODRÉ, 2006, p.12). Sassem (HEIDRICH



et.al.2008, p.81) também refere um novo espaço formado por redes desterritorializadas. Num dos prédios militares da Praça Padre Tomás, a intervenção de um dispositivo de mídia sonora provoca um movimento de territorialidade de uma das redes, pois o fluxo comunicacional [música] acaba por construir um território de fluxo. Nessa ambiência, jovens vivenciam uma experiência construtora de afro-brasilidade.

### **3 A configuração do território musical afro-brasileiro**

A multiplicação do vivido por uma comunidade possibilita que os homens vivam, ao mesmo tempo, segundo Raffestin (1993), o processo e o produto territorial através de um “sistema de relações existenciais e/ou produtivistas”, geradas no conjunto formado pela sociedade, espaço e tempo, sendo a “face vivida’ e a ‘face agida’ do poder”. Nesse processo, percebe-se a constituição de “uma nova espacialidade urbana que depende de redes desterritorializadas e fronteiriças e de localizações territoriais com concentrações massivas de recursos” (UEDA in HEIDRICH, 2008, p.82).

A música afro-brasileira tem construído redes desterritorializadas desde a chegada dos primeiros africanos. A indeterminação lingüística do período escravista, devido à mistura das inúmeras etnias trazidas para a América, fez com que a música se tornasse um elemento agregador. Glissant diz que

Não é nada novo declarar que para nós a música, o gesto e a dança são formas de comunicação, com a mesma importância que o dom do discurso. Foi assim que inicialmente conseguimos emergir da *plantation*: a forma estética em nossa cultura deve ser moldada a partir dessas estruturas orais (1989, p.248 apud GILROY, 2001, p.162).

As canções mantiveram os negros ligados simbolicamente à África, construindo novos espaços de sociabilidade, simbolizados pela roda, seja ela de cunho sagrado, de capoeira ou de samba. Esse terceiro movimento espacial pode ser denominado como uma diáspora relacional (CAMPOS, 2010). Marcada por relações desterritorializadas [fluxo], proporciona elementos de identificação e de espacialidade, como nos cultos afro brasileiros.



Isto que dizer que não se trata apenas de um artifício técnico no contexto da musicalidade, mas de uma configuração simbólica que, conjugada a dança, constitui ela própria um contexto, uma espécie de “lugar”, ou de cenário sinestésico e sinérgico, onde ritualisticamente algo acontece [...] a reatualização dos saberes do culto simultânea à inscrição do corpo do indivíduo num território, para que se lhe realmente a força cósmica, isto é, o poder de pertencimento a uma totalidade integrada. (SODRÉ, 2006, p.214)

A formação de uma roda, portanto, produz a territorialização de elementos simbólicos, guardados na tradição, constitutivos da identidade étnica. Essa, conforme Poutugnat e Streiff-Fenart (1998, p.5), se diferencia de outras identidades coletivas pelo fato de estar orientada para um passado que “não é o da ciência histórica; é aquele em que se representa a memória coletiva.” Para Gilroy (2001, p.209),

A identidade negra não é meramente uma categoria social e política a ser utilizada ou abandonada de acordo com a medida na qual a retórica que a apóia e legítima é persuasiva ou institucionalmente poderosa. [...] Embora seja sentida muitas vezes como natural e espontânea, ela permanece o resultado da atividade prática: linguagem, gestos, significações corporais, desejos.

A territorialidade estabelecida pela roda altera a relação espaço temporal, tensionando o aqui-agora. Enquanto o agora liga-se ao tempo da tradição, a demarcação de seus limites faz com que a leitura hegemônica daquele espaço adquira outra significação. O novo espaço possibilita um retorno simbólico à África, ou pelo menos ao que há de afro na cultura brasileira. Neste território, cujos limites são estabelecidos pelos corpos, constitui-se um *ethos* que “incorpora e privilegia a musicalidade e tudo o que ela permite de extravasamento emocional e utilização do corpo de modo comunicativo e sensual” (AMARAL; SILVA, 2006, p. 190). Organizado nas interações pessoais, esse *ethos* acaba por desterritorializar-se com sua incorporação pelo sistema tecno-midiático. No Brasil,

o caminho que leva à música, de roda de samba – e seu espaço ritual: *terreiro de Candomblé* – ao rádio e ao disco, passa por uma multiplicidade de avatares que podem ser organizados ao redor de dois momentos: a incorporação social do gesto produtivo negro e o da legitimação cultural do ritmo que aquele gesto continha (MARTÍN-BARBERO, 2001, p.251).

O samba surge, segundo Tinhorão (1974, p.119), como obra coletiva de velhos foliões baianos [tradição] e de gente da baixa classe média, como os músicos Sinhô e



Donga [moderno], com letra do repórter branco Mauro de Almeida [hibridismo]. A música compõe-se, dessa maneira, de elementos da hibridização cultural e ainda características da dupla consciência. Para se tornar urbana, segundo Martin-Barbero (2001, p.253), a música negra teve ainda que ultrapassar duas barreiras ideológicas: a que liga o popular às origens – e neste caso seria o campo – e a da “intelectualidade ilustrada” que concebe cultura como Arte.

A hibridização inicial tem sido, no processo dinâmico do mercado musical, re combinado das mais diferentes formas. As batucadas que “adaptaram os padrões sagrados às exigências seculares” (GILROY, 2007, p.246) podem ser ouvidas nos diferentes estilos de musicalidade negra, mantendo um diálogo sempre reatualizado com os elementos considerados africanos. “A África que vai bem nesta parte do mundo é aquilo que a África se tornou no Novo Mundo, no turbilhão violento do sincretismo colonial, reforjada na fornalha do panelaço colonial” (HALL, 2003a, p.40).

A transposição de elementos simbólicos da diáspora negra para o disco faz com que se ampliem as possibilidades da rede referencial negra. A partir dela, os elementos constitutivos do pertencimento, desterritorializados pelos movimentos de diásporas, antes compartilhados somente pela interação pessoal nas rodas, são difundidos pelas mídias sonoras. Nelas,

Os músicos, dançarinos e artistas negros do Novo Mundo difundiram estas reflexões, estilos e prazeres através dos recursos institucionais das indústrias culturais colonizadas e capturadas por eles. Essas mídias, principalmente a gravação de som, têm sido apropriadas às vezes com propósitos subversivos de protesto e afirmação (GILROY, 2007, 159).

A mídia configura-se, então, num importante espaço de fortalecimento e ampliação do território simbólico afro-brasileiro, pois, como o fluxo comunicacional, os referenciais de pertencimento não necessitam de uma ancoragem no espaço geográfico. A afro-brasilidade torna-se assim um lugar de vivência cotidiana, principalmente, através de estratégias estéticas, fazendo com que os jovens negros cada vez mais busquem identificar-se com elementos étnicos. A presença nos espaços de territorialidade musical negra ocupa, portanto, um importante lugar na construção do pertencimento dos negros na diáspora.

#### 4 A roda mediatizada

A intervenção de um dispositivo de mídia sonora num dos quartéis localizados na Praça Padre Tomé tem constituído uma territorialidade negra. No local, acontece a *Festa do Padilha* que, inspirada nos bailes *funk* dos anos 70 e 80, toca somente *black music*. O movimento *soul* chegou ao Brasil através do Rio de Janeiro, proporcionando o encontro de jovens negros de diversas classes sociais. Rebatizado como *Black Rio*, foi o berço do movimento negro naquele estado ainda no final da década de 60. Grupos de discotecários organizavam bailes onde se tocava o *soul* norte americano. Durante os bailes, eram passadas mensagens afirmativas em relação ao negro (MAXWELL, 2004).

O *Black Rio* inspirou-se no projeto norte-americano do *soul* como uma força unificadora para a população negra. Segundo Silva (2003), “os DJs negros falavam do *soul* como uma experiência eminentemente negra. Nesse sentido, a música se transformou num conceito, vindo a simbolizar o orgulho negro. Foi nessa atmosfera que tomou força o movimento pelos direitos civis.”

Em Porto Alegre, a partir dos anos 70, equipes, como Grupo Magia Negra, Delta 55, Jara Musisom, AL Musisom, Mano Délcio dj, Gê Powers, Ritmo Som, Times Brother entre outros, transformavam a sede do Sindicato dos Metalúrgicos num território negro, o *Metal*. A *Festa do Padilha* mantém a tradição de territorialização dos elementos simbólicos, transpondo o *ethos* da roda para essa nova territorialidade produzida por dispositivos de mídia sonora. A iniciativa torna-se um espaço de experiência (FILHO, 2009, p.87), por estar associada a um “passado atual, aquele no qual os acontecimentos foram incorporados e podem ser lembrados”.

A territorialidade da roda mantinha, seguindo Benjamin (1985), valor de culto. Como a aura, a roda “É uma figura singular, composta de elementos espaciais e temporais: a aparição única de uma coisa distante, por mais perto que ela esteja.” (BENJAMIN, 1985, p.170). No processo de mediatização do ritual, aumenta seu valor de exposição e a técnica provoca uma emancipação dos elementos simbólicos que podem, desta maneira, construir lugares a partir do fluxo comunicacional.

Benjamin (1985, p.169) vai dizer que “a forma de percepção das coletividades humanas se transforma ao mesmo tempo que seu modo de existência”. A transição da roda para o território midiático produz essa transformação perceptiva. Neste processo, as dinâmicas estabelecidas no território negro da festa produzem o efeito de presença,



“transformando o espectador em parte da cena que está se desenvolvendo” (GUMBRECHT, 2006, p. 60).

O corpo, “âmbito de convergência das práticas culturais, conformado e reformado pelo sistema de notação no qual está inserido” (FILHO, 2009), torna-se o elemento central para o efeito de presença. Na *Festa do Padilha*, o sistema de notação pulsa ao som da percussão e dos ritmos afro-diaspóricos, ligando os corpos a uma tradição, a partir do qual outras coisas, incluindo o pertencimento, são produzidas. A manifestação expressiva constituída pelos eixos da letra, melodia e pela corporização [gestos, movimentos e situações] definem o que Janotti Jr (2005) denomina o eixo performático da música.

A performance, enquanto “possibilidade expressiva do corpo” (SOARES), está no centro do acontecimento de um baile de *black music*. Grupos de dança e dançarinos marcaram as festas nas últimas décadas do século passado. Suas performances eram consideradas inovadoras para época. Nomes de grupos, como Black Fantasy, Geração 2000, Somente Para os seus Olhos etc, e de dançarinos, como Tadeu e Zé Cartola [hoje mestres-sala de escolas de samba], Azamba e Beto Capacete entre outros, tornaram-se conhecidos entre os jovens negros da época.

Na ambiência da *Festa do Padilha*, antigos e novos dançarinos buscam repetir em grupos, organizados em roda, ou individualmente, os passos que marcaram os antigos bailes, pois “performance é reconhecimento. A performance se concretiza, faz passar algo que eu reconheço, da virtualidade à atualidade” (ZUMTHOR, 1997 apud SOARES, s/d). Através da intervenção do dispositivo de mídia sonora, constrói-se uma territorialidade negra que se liga à tradição pelas performances.

A comunicação acontece no compartilhamento dessa experiência de corporalidade, considerando que “a experiência é uma atividade que ocorre sempre num espaço relacional, sendo uma forma de compartilhar, uma possibilidade de diálogo” (LOPES, 2006). Os dançarinos distraídos, apropriando o conceito de Benjamin (1985, p.193), num processo de interação, fazem a música “mergulhar em si, envolvendo-a com o ritmo de suas vagas, absorvendo-a em seu fluxo” (BENJAMIN, 1985, p.193). Inseridos nesta territorialidade, podem vivenciar a experiência a afro-brasilidade.



## 5 Considerações

A mediatização das interações sociais possibilitou uma maior dinâmica dos processos de territorialização dos elementos simbólicos, tornando os dispositivos midiáticos produtores de lugares. Para os negros, as mídias sonoras têm papel central. A musicalidade, fluxo comunicacional, tocada por um dispositivo midiático, tem produzido o mesmo efeito que os corpos que formam a roda – a demarcação de um território. Nesta ambiência, marcada por performances, a experiência produz elementos para a construção de uma afro-brasilidade.

O efeito de presença gerado nessa territorialidade e o reconhecimento do sistema de notação da sonoridade leva a uma performance que gera sentido. Neste lugar, construído a partir da perspectiva da mutiterritorialidade, o corpo torna-se instrumento de interação comunicativa e, ao mesmo tempo, catalisador dos elementos simbólicos que irão construir ou consolidar o sentido de pertencimento, a afro-brasilidade.

O sistema de mídia constitui-se hoje num território de fluxo, no qual estão estabelecidas relações de poder. Por este espaço, circulam e ganham visibilidade discursos e signos. Desta maneira, enquanto território, a mídia torna-se o lugar do simbólico e produtora de territorialidade.

O pertencimento negro, igualmente, tem sido construído, desde o processo de diásporas locais, numa territorialidade simbólica, na qual circulam signos valorativos. Essa territorialização referencial desencadeou uma vivência afro-brasileira que, por estar ligada a processos desterritorializados, utiliza a mídia como um espaço importante de afirmação.

Além do necessário encontro no espaço desterritorializado com a mídia, pensar o pertencimento negro é indissociável dos processos de territorialidade. Esses foram determinantes para a hibridização, ressignificação e fluidez constituintes do ser negro na diáspora.

## Referências

AMARAL, Rita; SILVA, Vagner Gonçalves da. Foi conta para todo canto: as religiões afro-brasileiras nas letras do repertório musical popular brasileiro. **Revista Afro-Asia**, nº 34, 2006. p. 189-235.



BRAGA, José Luiz. **Midiatizações como processo interacional de referência**. In: Ana Silvia Médola, Denise Correa Araújo e Fernanda Bruno (org.). *Imagem, visibilidade e cultura midiática*. Porto Alegre: Sulina, 2007. P. 141-167

CAMPOS, Deivison. **Espaço urbano e a questão negra**. Trabalho apresentado no Seminário Debates – A questão negra em evidência 2010. Porto Alegre: Memorial do RS, 24 abr. 2010.

GILROY, Paul. **Entrecampos**. Nações, culturas e o fascínio da raça. São Paulo> Anablumme, 2007.

\_\_\_\_\_. **O Atlântico Negro**. Modernidade e dupla consciência. São Paulo: Ed. 34. 2001.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. **Pequenas crises**: experiência estética nos mundos cotidianos. In: GUIMARÃES, César; LEAL, Bruno; MENDONÇA, Carlos. *Comunicação e experiência estética*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006. p.50-63.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A Editorial, 2003.

\_\_\_\_\_. **Da diáspora**. Identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003a.

\_\_\_\_\_. **Representation**. Cultural representations and signifying practices. London: Sage, 1997.

\_\_\_\_\_. **Identidade cultural e Diáspora** in *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, 24, 1996.

HEIDRICH, Álvaro Luiz (org). **A emergência da multiritorialidade**: a resignificação da relação do humano com o espaço. Canoas: Ed. Ulbra; Porto Alegre: Ed. Da Ufrgs, 2008.

LOPES, Denilson. **Da estética da Comunicação a uma poética do cotidiano**. In: Cesar Guimarães; Bruno Souza Leal; Carlos Camargo Mendonça. *Comunicação e experiência estética*.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações**: comunicação, cultura e hegemonia. 2 ed. Rio de Janeiro Ed. UFRJ, 2001.

MAXWELL, Roberto. **Um pequeno release sobre a história da banda e do Movimento Black Rio**, 01/07/2004.

([http://www.robertomaxwell.blogger.com.br/2004\\_07\\_01\\_archive.html](http://www.robertomaxwell.blogger.com.br/2004_07_01_archive.html))

PORTO-ALEGRE, Aquiles. **Homens Ilustres do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre : Livraria Selbach, 1917.

POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. **Teorias da etnicidade** – seguido de Grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth. São Paulo: Fundação Editora Unesp, 1998.

PROST, Antoine; VINCENI, Gerard (org.). **História da Vida Privada**. São Paulo: Cia das Letras, 1994.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do Poder**. São Paulo, Ed. Ática, 1993.

SANTOS, Milton. **Por uma Geografia nova**. São Paulo: Hucitec-Edusp, 1978.



SILVA, Salomão Jovino da. **A polifonia do protesto negro.** Movimentos culturais e musicalidades negras urbanas anos 70/80 - Salvador, São Paulo e Rio de Janeiro. Dissertação de Mestrado em História. PUCSP, 2000.

SOARES, Thiago. Construindo imagens de som e fúria. Considerações sobre o conceito de performance na análise de videoclipes. Disponível em <http://www.midiaemusica.ufba.br/arquivos/artigos/SOARES2.pdf> Acessado em mar.2010.

SODRÉ, Muniz. **As estratégias sensíveis:** afeto, mídia e política. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

TINHORÃO, José Ramos. **Pequena história da música popular.** Da modinha à canção de protesto. Petrópolis: Vozes, 1974.